

O Homem de La Mancha

J. Roberto Whitaker *Penteado*

Sei que existem armaduras impenetráveis entre eu e o mundo. - J.R. (Dom Quixote lúcido)

A grande maioria - se não a totalidade - dos brasileiros que leram sobre as aventuras do engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha - fizeram-no através da versão re-contada por Dona Benta à turminha do Sítio do Picapau Amarelo, no livro de Monteiro Lobato Dom Quixote das Crianças. Eu não fujo à regra.

Das minhas impressões desta leitura uma lembrança permaneceu: a reação da boneca Emília, quando dona Benta anunciou que iria ler o último capítulo, relatando a morte do cavaleiro da Mancha. Ela exclama: - Não quero ouvir o resto da história. Para mim D. Quixote não há de morrer. Até logo! - e sai da sala correndo. Por várias vezes, depois, Narizinho tenta contar-lhe a morte do cavaleiro, mas Emília tapa os ouvidos. - Morreu nada! Como morreu, se D. Quixote é imortal? Lobato encerra o livro com o seu próprio comentário: Dona Benta ouvia aquilo e ficava pensativa...

Na primeira oportunidade que tive, mais tarde - de folhear o volumoso cartapácio que meu pai trouxera para casa, com a versão original, em espanhol, e as impressionantes gravuras de Gustave Doré - fui direto ao último capítulo. Queria checar, nas palavras do seu criador, como morrera Dom Quixote. Foi um choque. Apesar da densidade do texto seiscentista, não tive qualquer dúvida a respeito de uma coisa: o homem morria com a lucidez da mediocridade e exorcizava o seu passado, junto com a loucura que o acometera. Como o super-homem, quando dizia Shazam, só que pior do que Clark Kent e sua personalidade poltrona. E eu pensava que o herói da história fora o Dom. Seria - para Cervantes - o vilão?

Em mim, foi, certamente, influência de Lobato - para quem a loucura era algo positivo. Quando Emília recebe Dom Quixote e Sancho Pança - em pessoas, no Sítio - no livro O Picapau Amarelo - assim se expressa (usando gíria lobatiana da belle époque): - Acho Dom Quixote o suco dos sucos. Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo.

Não disponho de toda a pesquisa feita sobre o Homem de La Mancha, em 400 anos de sua existência na imaginação de adultos e crianças; imagino que deva haver coisa pertinente... Mas será que a mensagem do autor foi, de alguma forma, alterada? Pode ser, pois lembro que - no livro - quem se dava bem era Sancho Pança, que acabava nomeado governador numa ilha, chamada Baratária...

E o que distinguia Quixote, além da suposta ou real loucura? O individualismo. A capacidade de ver coisas que ninguém mais via, como os terríveis gigantes no disfarce dos frios, mecânicos moinhos de vento. E o idealismo de ir ao encontro do que lhe parecia verdadeiro - ainda que assustador -, de buscar a justiça... No processo, dizia às pessoas o que elas não queriam ouvir e queria levá-las a fazer o que não desejavam. Enquanto Sancho - bem, este fazia exatamente o oposto: dizia às pessoas o que elas queriam ouvir e só buscava o proveito pessoal. Como o Marquês de Rabicó, na fábula lobatiana. Ou certos personagens da política contemporânea.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. O Homem de La Mancha. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, out. 2009. Disponível em < <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=0&ID=545> >. Acesso em: 19 mar. 2010.